



Foto: Andre Fossati / Instituto Rosa e Sertão

## MOSAICO DISCUTE

**De pequeno, só o nome**

*Proposta de construção de PCH's no Rio Carinhonha pode gerar impactos de grandes dimensões na região*

PÁGINAS. 4 E 5



Foto: Leo Lara / Instituto Rosa e Sertão

DAQUI

PÁGINA 7

*De personalidade forte e voz determinada, Livina guarda cantigas que estão na família há gerações*



Foto: Leo Lara / Instituto Rosa e Sertão

SUSPIRÂNCIA

PÁGINA 7

*Pílulas do XII Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas*

**GERAIS**

PÁGINA 3

*O Cerrado foi à rua nos 11 municípios do Mosaico*

Foto: Andre Fossati / Instituto Rosa e Sertão



**TRAVESSIA**

PÁGINA 8

*Parque Nacional Grande Sertão Veredas: rusticidade e exuberância*

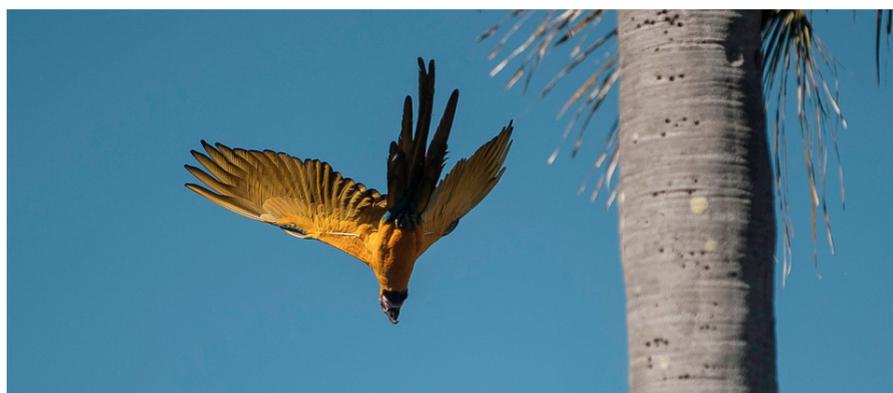


Foto: Andre Fossati / Instituto Rosa e Sertão

# PÃO OU PÃES

## EDITORIAL MOSAICO SERTÃO VEREDAS PERUAÇU

"Prepare o seu coração, pras coisas que eu vou contar, eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão..." E POSSO LHE AGRADAR!

Aqui estamos para mais uma viagem sociocultural, ambiental e poética ao interior do sertão mineiro. Chega pra dentro, senta no banquinho, toma um café que a prosa é boa. Vem conhecer esses paladares, essa gente corajosa, essas veredas de águas mansinhas, essas festas e alegrias que dão vida ao nosso Mosaico Sertão Veredas Peruaçu.

Começando bem e com água na boca, temos aqui o Sr. Nêgo, membro da Cooperativa de Pandeiros, e seu precioso Licor de Jenipapo com Mel. Depois de tanta doçura, vamos aprumar o corpo e conhecer as "Ruas da Cultura", onde todos os povos, quilombolas, indígenas, foliões, palhaços, tocadores e trovadores se encontraram, numa explosão cultural em homenagem ao nosso Cerrado.

Cerrado esse, conhecido como o pai das águas, né não? É sim, e por isso nós do Mosaico nos posicionamos contra os Projetos de Barragem no Rio Carinhanha.

Assim como Guimarães Rosa, acreditamos que: "perto de muita água, tudo é feliz" e por isso lutaremos para que as águas do Carinhanha sejam sempre livres pra correr o seu caminho.

Pra quem veio fica um suspiro de saudade, e pra quem não pôde vir, fica um belo registro do XII Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas. Tanto para os grandes, quanto para os pequenos, foram dias de muita diversão, manifestações culturais, papos sérios, ensinamentos e aprendizagens... Ali, salvamos os sapos, passamos pelo corredor da história, discutimos o rumo do nosso Território, tomamos Café, bebemos Cachaça e comemos Beijú. Ano que vem tem mais, num perde não!

Falando em comer e beber, ocê, já comeu Coquim Azedo? Passarim acha bão demais e nós também. Dele se faz o suco, o picolé e o sorvete. Não é a toa que o nosso Pequeno Grande Zezo, da Cooperativa Sertão Veredas, sabe tudo sobre ele e vai nos contar, tim tim por tim tim.

É tempo de travessia, e você, caro leitor, já andou por essas bandas? "No sertão tem de tudo". Inúmeras veredas, cachoeiras, espécies raras de animais silvestres e muitas outras riquezas naturais. Tudo isso

tá bem guardado pra gente, no Parque Nacional Grande Sertão Veredas, criado para proteger o cerrado, suas águas, suas espécies animais e vegetais, e ao mesmo tempo, homenagear o nosso grande mestre: João Guimarães Rosa.

Chegou a hora de lavar a roupa suja, mas antes disso, vamos conhecer a trouxa encantada, que anda na cabeça de dona Livina. Ela é dançarina do Manzuá, que é uma dança tradicional da Comunidade Quilombola Retiro dos Bois, aprendeu com sua mãe, que aprendeu com a sua avó... a história é muito bonita, vale a pena dar uma espiada!

"Então, minha gente, dou adeus e vou-me embora, quem fica, fica com Deus, e eu vou com nossa senhora!"

Um abraço caloroso e boa leitura a todos!



**Natália Rust Neves**

Coordenadora de Áreas Protegidas do IEF – Januária.  
Conselheira do Mosaico Sertão Veredas Peruaçu.

## CARTAS DO LEITOR

Gostou do que leu? Não concorda? Quer dar um pitaco, completar uma informação ou colocar sua opinião? Você também pode participar do Jornal do Mosaico. Envie suas impressões para o e-mail [jornaldomosaico@gmail.com](mailto:jornaldomosaico@gmail.com), ou para a sede do Instituto Rosa e Sertão, que fica na Avenida Rio Grande do Sul, 647, Centro, em Chapada Gaúcha – MG - CEP: 39314-000. A cada nova edição, o Conselho Editorial vai selecionar algumas cartas e e-mails para a publicação. **Participe!**



## MERCADO DAS PULGAS

### Licor de jenipapo adoçado com mel

José Gomes Lira, conhecido por Nêgo, é o vice presidente da Coopae (Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Pandeiros), que produz licor de jenipapo. Nêgo conta que, normalmente, o licor é composto de 20% de álcool. Como muita gente não bebe cachaça, ele começou a pesquisar um processo diferente de produção e inventou o licor de jenipapo adoçado com mel. O próprio mel de abelha ajuda a conservar a bebida, que leva apenas 5% de cachaça e tem validade de até dois anos – mesmo fora da geladeira. Nêgo explica que o jenipapo é uma fruta com diversos benefícios à saúde, como o combate ao colesterol. Para os mais animados, ele garante ainda uma versão feita com Catuaba.

Tratar com Nêgo, na comunidade do Traçadal, ou no número (38) 9930 1666.

## EXPEDIENTE

### Informativo do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu

Financiado pelo Projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu - Acordo de Cooperação Financeira entre o Instituto Rosa e Sertão e o Fundo Socioambiental Caixa.

#### Instituto Rosa e Sertão

Tereza de Jesus Silva Santos - Presidenta  
Damiana Campos - Coordenadora Executiva

#### Conselho Consultivo do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu

Presidente: Helen Duarte - IEF - Gerente das APAs Pandeiros e Cochá e Gibão  
Secretário Executivo: Cesar Victor do Espírito Santo - Funatura - Fundação Pró-Natureza – Superintendente Executivo

#### Conselho Editorial do Jornal do Mosaico

Damiana Campos – Coordenadora Executiva Instituto Rosa e Sertão  
Cesar Victor do Espírito Santo - Superintendente Executivo - Funatura  
Débora Takaki - Prefeitura Municipal de Januária – Secretária de Meio Ambiente  
Hamilton dos Reis Sales - Membro do Grupo de Espeleologia e Estudos Orientados de Januária  
Hebert Canela Salgado - Instituto Grande Sertão  
José Fino – Associação Quilombola 'Vó Amélia'  
Marcelo Juliano Rabelo Oliveira – Instituto Biotrópicos  
Marco Túlio da Silva Ferreira – Gestor Técnico do Projeto 'Extrativismo Vegetal Sustentável' no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu'

#### Expediente

Jornalista Responsável: Carolina Abreu Albuquerque  
(Reg. Prof. 18.140/MG)  
Redação: Carolina Abreu Albuquerque  
Projeto gráfico: Amanda Rabelo Cardoso  
Revisão gramatical: Damiana Campos  
Impressão: JDC Comunicação Integrada  
Tiragem: 3.000 exemplares

É permitida a reprodução de matérias e artigos, desde que citados a fonte e o autor.

#### Instituto Rosa e Sertão

Rua Serra das Araras, 795 – Bairro Alto São João –  
Chapada Gaúcha/MG  
CEP: 39314-000 / Telefone: (38) 3634-1463  
E-mail: [rosaesertao@gmail.com](mailto:rosaesertao@gmail.com)  
Blog: [www.rosaesertao.blogspot.com](http://www.rosaesertao.blogspot.com)

De um lado da rua, um grupo de dançadeiras se diverte com as modas tocadas na sanfona. Do outro, crianças observam atentas a todos os gestos da turma de palhaços que se aproxima. No meio, moradores fazem roda para ouvir a poesia declamada por um garoto, batendo os pés ao som da banda de pífanos, que toca mais um baião animado. Foi assim, nessa confusão deliciosa de cores e sons, que a cultura invadiu as ruas de Formoso, Urucuia, Arinos, Chapada Gaúcha, Januária, Conego Marinho, Itacarambi, São João das Missões, Manga, Côcos e Bonito de Minas, durante os meses de junho e julho.

As Ruas da Cultura fazem parte do conjunto de ações previstas no projeto Turismo de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu. Buscando tematizar o Cerrado e seus povos, as ruas trouxeram manifestações culturais e

artísticas do entorno dos municípios, em processos de arte-educação promovidos junto às comunidades. A programação foi coordenada e produzida pelo Ponto de Cultura Seu Duchim, com a participação do projeto Pífano e Gente - Bolsa Interação Estética e dos Pontos de Cultura do Xacriabás, Centro de Artesanato e Portal Grande Sertão.

Daiana Campos, coordenadora do Ponto de Cultura Seu Duchim, conta que as Ruas da Cultura foram momentos de recordar manifestações que andavam esquecidas entre as comunidades. “Foi muito marcante o carinho com que as comunidades nos receberam”, ela relembra. Ladyjane Macedo, professora do Corpo de Dança do Ponto de Cultura, avalia que trazer essas manifestações foi importante para o público, que não está acostumado a eventos que valorizem a cultura regional. “Muita gente veio nos falar que não ia em eventos da cidade”, conta Ladyjane.

“A gente acredita que essa resistência se deve à falta de eventos com esse perfil, eventos que priorizam as comunidades tradicionais”, analisa Ladyjane.

As Ruas realizadas em Arinos, Chapada Gaúcha, Formoso e Urucuia contaram também com a participação da Caravana Lítero-Musical, organizada pela pesquisadora Simone Guerreiro. Daiana explica que o diálogo com a Caravana começou com o Encontro dos Povos do ano passado e segue rendendo boas parcerias. A Caravana trouxe o ator Jackson Costa, que declamou poemas e interagiu com o público. Ladyjane relata que cada uma das Ruas foi um processo diferente: “Em São João das Missões, nós reunimos os violeiros locais e os Xacriabás. Em Manga, comunidades remanescentes de quilombo trouxeram para a rua o batuque, envolvendo todo mundo na batida dos tambores. Em Conego Marinho, foram as pastorinhas que encantaram o público”.

## SERTÃO: TERRITÓRIO DA CULTURA

No dia 5 de novembro, foi realizado em Chapada Gaúcha um encontro com representantes da Secretaria de Estado de Cultura e da Secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerais, para discutir o turismo comunitário no território do Mosaico. Gelma Ribeiro Gomes, da Secretaria Municipal de Cultura de Chapada Gaúcha, explica que a proposta foi fazer uma primeira conversa entre os representantes do estado e as lideranças comunitárias e gestores da região.

Desdobramento do Projeto de Turismo de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu, o encontro foi uma ação vinculada ao Minas Território da Cultura, programa articulado pela Secretaria de Cultura de Minas Gerais para a descentralização e regionalização das ações culturais no estado.



Foto: Instituto Rosa e Sertão / Damiana Campos

Urucuia: Seu Miguel, violeiro do Urucuia e Jackson Costa



Foto: Instituto Rosa e Sertão / Diana Campos

Formoso: Ponto de Cultura Seu Duchim, Pífanos e Gente do Grande Sertão e Caravana Lítero-musical

# MOSAICO DISCUTE

## PEQUENAS USINAS, GRANDES IMPACTOS

Empreendimentos hidrelétricos ameaçam a vida no rio Carinhanha

“Quase preto, muito imponente, comprido e povooso”. Foi assim que João Guimarães Rosa descreveu o Carinhanha. Importante afluente do São Francisco, o rio é a divisa natural entre Minas e Bahia, fundamental para a vida das comunidades sertanejas que se estabeleceram no seu entorno. Mas meio século depois da publicação de Grande Sertão: Veredas, a imponência característica do rio corre perigo. A construção de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) ao longo do leito do Carinhanha, em processo de licenciamento pelo IBAMA desde o início do ano, pode gerar graves impactos socioambientais para a região.

### Pequenas para quem?

De acordo com a resolução nº 394 da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), PCHs são empreendimentos hidrelétricos com potência entre 1.000 kW e 30.000 kW, cujo reservatório pode atingir até 3km<sup>2</sup>. Desde a década de 90, as PCHs vem sendo propostas como alternativas energéticas às Usinas Hidrelétricas (UHEs), empreendimentos de proporções muito maiores. Mas a relação entre o potencial de geração de energia e os impactos gerados pela construção desse tipo de empreendimento nem sempre é proporcional. Como alerta o biólogo Guilherme Ferreira, da equipe do Instituto Biotrópicos, as PCHs podem se revelar

grandes problemas para a região em que são instaladas. “Já ouvi um promotor dizer que a única coisa pequena em relação à PCH é a geração de energia”, ele relembra. “Porque o impacto, quando acumula, pode ser muito alto”.

Guilherme se refere ao impacto cumulativo que a instalação de PCHs no leito de um mesmo rio pode gerar. No caso do Carinhanha, há três empreendimentos sendo avaliados pelo IBAMA, na altura dos municípios de Bonito de Minas, Montalvânia e Côcos: as PCHs Caiçara, Gavião e Catumbi. Mas a previsão é que pelo menos outras quatro usinas sejam construídas em um trecho de cerca de 100 km de rio. Diversas pesquisas recentes revelam que, quando uma mesma bacia hidrográfica concentra muitos projetos de PCHs, seus impactos são bastante semelhantes aos das grandes Usinas Hidrelétricas. Ainda assim, os Estudos de Impacto Ambiental (documentos de referência para o processo de licenciamento dos empreendimentos) são realizados de forma pontual, negligenciando o conjunto de interferências realizadas ao longo da bacia.

### Rio é vida

Para o engenheiro agrônomo Samuel Britto, agente da Comissão Pastoral da Terra, é preciso lembrar que os rios agregam em si todo tipo de vida, para além do potencial de geração de energia visado pelas grandes empresas do setor elétrico. “O rio Carinhanha, particularmente, tem um papel

diferenciado no contexto da bacia do São Francisco”, ele afirma. “Além da perspectiva hídrica, ele tem uma importância ecológica e cultural muito grande”. Na margem esquerda do Velho Chico, o Carinhanha é o único rio que ainda está livre de barramentos. Dada à escassez de água característica da região, o rio assume um papel importantíssimo no abastecimento de uma série de comunidades que convivem com o rio há mais de 100 anos, do norte de Minas ao sudoeste da Bahia. Além disso, a bacia do Carinhanha está inserida em áreas prioritárias de conservação ambiental, criadas com o amparo do ICMBio e do Instituto Estadual de Florestas para garantir a preservação do cerrado na região (veja box ao lado).

Os impactos do projeto de construção de barragens nesse contexto são graves e precisam ser pensados de forma integrada. Do ponto de vista da biodiversidade, Guilherme afirma que a perda pode ser muito grande, devido à dimensão da área que será alagada ao se somar as barragens previstas para as três PCHs em fase de licenciamento. As lagoas marginais formadas pelo Carinhanha, por exemplo, podem acabar: “A lagoa é um ambiente de reprodução de peixes e anfíbios, que muitas vezes só existem lá. Quando a PCH inunda, ela cobre a lagoa marginal, que deixa de existir”.

As áreas alagadas implicam também em remoção das comunidades do entorno.

Foto: By thais britto (Uploaded by Luan) [CC-BY-SA-2.0 (http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.0)], via Wikimedia Commons



Carinhanha: em seus mais de 400 km de extensão, o rio é o único na margem esquerda do São Francisco que ainda está livre de barramentos

Samuel reforça que, para as famílias que vivem no entorno do Carinhanha, os impactos já estão sendo sentidos: “Essas comunidades já são impactadas. Você conviver com uma ameaça constante já é um impacto”. Ele relata que as comunidades sofrem uma pressão muito grande dos barrageiros, sendo inclusive ameaçadas para que vendam, sem resistência, as terras em que suas famílias vivem há gerações. Além disso, é necessário levar em conta também o impacto indireto das barragens. “A PCH barra o fluxo de peixes no rio. Isso pode impactar toda a comunidade de peixes do rio para cima e para baixo”, destaca Guilherme. A alteração do fluxo de água pode contribuir também para a diminuição da qualidade da água ao longo do leito do rio, prejudicando cidades e povoados localizados no baixo Carinhanha.

### Resistência ribeirinha

No fim de junho, de acordo com os procedimentos exigidos pelo IBAMA, as empresas responsáveis pelos empreendimentos (Minas PCH e INCOMEX) organizaram audiências públicas nos municípios que serão diretamente atingidos pelas PCHs, caso elas sejam construídas. Foi a oportunidade para que as comunidades atingidas – em conjunto com entidades como a Comissão Pastoral da Terra, o Movimento dos Atingidos por Barragens, a Funatura e os Institutos Biotrópicos e Rosa e Sertão – articularassem um movimento de mobilização popular contra as PCHs. “As próprias comunidades fizeram a mobilização. Visitaram umas às outras, colocaram a importância da mobilização”, conta Samuel. Em Côcos, o processo tomou uma dimensão tão ampla, que impediu a realização da audiência. “Havia 2 mil pessoas no dia da audiência, que se reuniram em uma grande assembleia popular. O povo que vai ser impactado pelas barragens pôde dizer qual é a sensação de viver os impactos desses empreendimentos”, ele relembra.

Desde então, o processo de licenciamento não avançou junto ao IBAMA. Samuel reforça a importância de manter a articulação e o diálogo entre as entidades que se mobilizaram em torno das audiências. Guilherme atenta para a necessidade de exigir dos órgãos ambientais uma avaliação integrada dos empreendimentos, de acordo com os precedentes abertos por Deliberações Normativas do COPAM. Pelo Carinhanha vivo: a mobilização continua.



Foto: Comissão Pastoral da Terra

*“Água e energia não são mercadoria!” Em busca de uma discussão ampliada e participativa sobre as PCH’s, a mobilização em Côcos (BA) gerou uma grande assembleia popular.*

## MOSAICO EM PERIGO

Em abril deste ano, o Conselho do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu aprovou uma Moção com posicionamento contrário à implantação de PCHs no Rio Carinhanha. Três das unidades de conservação que integram o Mosaico de Áreas Protegidas e protegem trechos do rio serão (direta ou indiretamente) afetadas pelos empreendimentos: **o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, a Reserva Particular do Patrimônio Natural Porto Cajueiro e a Área de Proteção Ambiental Cochá Gibão.** Além disso, outras áreas de proteção ambiental que não fazem parte do Mosaico também terão parte de suas áreas alagadas caso as PCH’s sejam construídas. É o caso das Reservas Particulares do Patrimônio Natural Vereda da Caraíba e Gibão Flexeiras.

# SUSPIRÂNCIA

## PÍLULAS DE ALEGRIA

Atividades culturais envolveram e encantaram os participantes do XII Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas

### Para crianças de todas as idades

Para os pequenos (e os nem tão pequenos assim!), o Encontro ofereceu diversos espaços com o tema Cultura e Infância. "A proposta foi pensar esse público de crianças e adolescentes em uma programação que atravessa gerações. Essa é a ideia do Ponto de Cultura Seu Duchin, que foi responsável por essas atividades.", explica Damiana Campos, coordenadora executiva do Instituto Rosa e Sertão. Para a coordenadora, a programação desse ano foi muito especial. As atividades de Cultura e Infância reuniram teatro mamulengo, oficinas de perna de pau, contação de histórias e educação ambiental.

Foto: Instituto Rosa e Sertão / Leo Lara



Na oficina "Salvem os sapos", coordenada pela bióloga Isabela Menezes Barata, a proposta de educação ambiental passa pela curiosidade das crianças.

### Olhos e ouvidos atentos

Como você definiria os sons do sertão? José Ivânio Montijo Amaral, professor de Geografia e História da E.E. Moacir Cândido, foi o responsável por tematizar a paisagem sonora sertaneja no Corredor da História. Para arquitetar o Corredor, a equipe fez reuniões, momentos de leitura e de pesquisa. Primeiro veio a água, que foi o tema do Encontro. "O som do rio correndo, das cachoeiras. Barulho dos pássaros, cochar dos sapos, barulho do berrante", ele explica. Depois, veio a musicalidade sertaneja, com os sons de instrumentos e festas da região. "Quando eu vi o Corredor desfazendo, desmontando, a vontade foi de chorar", Ivânio relembra. "Acho que o Encontro dos Povos fala da alma da gente. O povo sertanejo, de uma certa forma, é homenageado. Uma homenagem pra nós".



Foto: Instituto Rosa e Sertão / Leo Lara

Alunos e professores da E.E. Moacir Cândido ajudaram na concepção, na montagem e na recepção do público no Corredor da História.

### Contra o esquecimento

Cafézinho no fogão à lenha, alpargatas ao pé da cama e muitos, muitos quadros de santos nas paredes de barro. Foi buscando rememorar raízes e tradições dos moradores do sertão que a Casa Sertaneja foi montada. "Tem coisas ali na casa que são desconhecidas dos alunos. Eles são filhos de sertanejos, moram na zona rural, mas não conhecem mais alguns artefatos que eram utilizados no passado e hoje ficaram relegados a galpões, fundo do quarto ou o cantinho", explica o professor de História Cláudio Rodrigues Gonçalves, que trabalha nas redes municipal e estadual de Chapada Gaúcha. Responsável pela concepção da Casa, Cláudio fez uma força-tarefa com alunos para toda a montagem. Foram quatro dias para terminar tudo. "Cada bolo de barro ali, eu sei onde foi colocado e o trabalho que deu", ele conta. "Mas depois que ficou pronto, aí eu sentei na grama. Já era de tardezinha na quinta-feira assim, umas seis horas. Acho que eu fiquei uns 15 minutos olhando de fora, com aquele pensamento assim: 'como será que as pessoas vão ver?', ele lembra. "Isso é a coroação do trabalho, você entrar e pensar que as pessoas vão gostar, vão descobrir esses detalhes. Foi muito trabalhoso, mas para mim é muito apaixonante."

Foto: Instituto Rosa e Sertão / Leo Lara



Café com beiju: preocupação em trazer o imaginário do homem sertanejo manifesto na estrutura física da casa

### Viagens literárias

Desde o ano passado, Dalva Fonseca Sbruzzi, professora de ensino de uso de biblioteca na E. E. Moacir Cândido, leva ao Encontro a dimensão da literatura. Esse ano, em parceria com a Biblioteca Pública Municipal, foi inaugurado o Espaço Literário Guimarães Rosa. "Além da exposição de obras literárias, o Espaço Literário recebeu lançamentos de livros, oficina de fanzine, contação de histórias e rodas de prosa", conta Dalva. Ela explica também que a escola busca envolver os alunos com a temática do Encontro desde o início do ano, por meio de um projeto pedagógico interdisciplinar. "Isso contribuiu muito para que os adolescentes estivessem mais engajados nas atividades e pudessem participar das discussões", ela avalia. Dalva, que participa do Encontro desde sua primeira edição, é uma entusiasta do evento: "O Encontro dos Povos dá visibilidade aos povos tradicionais, às manifestações culturais das comunidades tradicionais. E junta essa questão à temática ambiental, da importância do Cerrado para nós", ela comenta. "É uma das festas mais marcantes da região!".



Foto: Instituto Rosa e Sertão / Leo Lara

A tenda do Espaço Literário era uma das mais movimentadas do Encontro, com atividades durante todo o dia.

DAQUI

## Ó ELA AQUI

Além da trouxa do Manzuá, Livina carrega consigo a força das manifestações tradicionais de sua comunidade

Se a rua fosse um palco, Livina seria o centro dos holofotes. Com a trouxa na cabeça, ela passeia radiante por entre as outras dançadeiras. “De onde é que ocê vem, meu filho?”, ela pergunta para um senhor que assiste à dança, passando a trouxa adiante. “Eu vim foi pra festa. Vi um movimento bonito perto de casa, peguei e falei assim: vou lá escutar esse barulho de perto”. “E o quê que cê veio fazer aqui?” “Uai, vim dançar a dança do Manzuá!”. A roda explode de alegria a cada vez que alguém responde a última pergunta, que dá a deixa para o coro: “Ó, cadê o Manzuá?”, “Ó ele aqui!”. Livina é quem comanda a brincadeira, com a desenvoltura de quem cresceu em meio às cantigas de roda e Folias de Reis.

A dança do Manzuá é uma das tradições da comunidade quilombola de Retiro dos Bois – povoado que pertence a Januária, mas está mais próximo (cultural e geograficamente) das comunidades do

entorno de Chapada Gaúcha. “Esse Manzuá já vem de muito tempo, diz que do tempo desse povo mais velho”, conta Livina. “As mulher fazia aquela trouxona e ia pro rio lavar roupa. Aí diz que umas falava assim: ‘essa trouxa sua tá parecendo um manzuá!’. E aí ficou”. Quem puxava a dança era Dona Lorença, mãe de Livina. A filha conta que levou um tempo até que tomasse gosto pela coisa. “Mãe saía gritando: ‘Livina, Teresa, Maria, Clarice, vem, menina, vem’. Mas eu achava essa dança ridícula, feia. Não gostava de jeito nenhum. Nós só fazia cantar pra fazer gosto nos véio. Aí nós cantava”.

A trouxa foi passada de mãe para filha: Livina assumiu a dança depois que sua mãe se mudou para Goiás, com a saúde debilitada. “Eu era tímida, tímida, tímida. Mas quando ela me pediu, foi o mesmo dela ter passado a energia dela pra mim. Aí eu consegui”. Desde então, Livina é a responsável não só pelo Manzuá, mas por diversas outras danças e cantigas que estão na comunidade há gerações. “Tudo

que eu sei foi passado da minha mãe; e pra minha mãe, do meu avô, que morreu com 90 anos”. Ela lembra com carinho do avô, Romualdo: “Ele era folião velho. Quando passava a Folia de Reis, nós pegava e corria. Meu avô era o alferes, aí tudo que ele queria, nós fazia. E ele ensinava: ‘tá errado o passo’, aí fazia até nós aprender”. Hoje, Livina trabalha como diarista na sede de Chapada Gaúcha, onde mora. Mas vai ao Retiro dos Bois com frequência, para ensaiar a turma. A cada ano, ela coloca na dança novas cantigas, que vai aprendendo com os mais velhos. “Esse ano, meu tio já lembrou de um canavial, mas essa ele ainda vai me passar. Só que eles é assim: pra cantar na frente, eles não têm coragem. Aí passa tudo pra mim”. Para manter a tradição viva, ela tem um plano. “A gente vai esquecendo, né. Aí eu quero fazer um livro, com tudinho anotado”, ela planeja. Generosa, Livina acha que a dança não pode ficar só em Retiro dos Bois. “A gente tem que passar isso pra fora!”.



Foto: Instituto Rosa e Sertão / Diana Campos

No sofá de casa, durante a entrevista, Livina se lembrou de diversas cantigas, ladainhas e curreleiras. Abaixo, um gostinho de algumas delas:

*“Bananeira rosa, laranjeira flor  
Eu disse adeus saudade,  
Pra Juazeiro eu vou  
Pra Juazeiro eu vou  
É nesse mês que vem  
Se deus me ajudar  
Eu vou buscar meu bem”*

*“Olha, Rosamélia, quem te ama é eu  
Mas cadê minha rosa, que meu bem me deu?  
Bate palma e fecha a roda, que eu já vi quem eu queria  
Eu enchi meus olhos d’água e o coração de alegria”*

*“Soldadinho de lei não carrega cinturão  
Soldadinho de lei não carrega cinturão  
Só carrega carabina e camisa de azulão  
Pra trás eu atiro, pra diante eu já atirei  
Pra trás eu atiro, pra diante eu já atirei  
Roda lá com sua morena  
que com a minha eu já rodei”*

*“Ô meu limão roxo,  
ô meu sabiá  
O sol nasceu pra todos,  
eu nasci pra te amar”*

SEMPRE-VIVAS

## NONADA

Encontro dos povos do grande sertão veredas  
Por Leonardo Quaresma

Vem gente de tudo enquanto é banda  
O povo vai chagando, acomodando  
E logo puxa uma prosa  
Encontra um amigo, um compadre  
E a conversa vai...

Vai fluindo como as águas dos riachos que corta o sertão mineiro  
O café é da hora  
O biscoito e o beiju não faltam  
O som da viola caipira  
Vai se misturando com zabumbas, sanfonas, rebecas e vozes...  
Vozes de artistas cantores de todo canto do sertão  
Aquecidos com uma cachaça  
A festa está pronta  
Vamos curtir minha gente  
Dançar, cantar, pular, criar e preservar...  
Preservar a cultura deste povo guerreiro  
Gente humilde que traz no embornal a felicidade  
A felicidade de viver no sertão  
De acordar com o canto dos pássaros  
De ver o sol nascer no plano da chapada  
De lavar o suor sob o sol escaldante nas águas calmas das veredas  
E ver o sol esconder atrás do cerrado  
Dando espaço para o brilho da lua  
E das belíssimas estrelas  
Venha curtir minha gente  
A festa é nossa, é do povo  
É dos povos do grande serão veredas.



## FRUTOS DO CERRADO



Palmeira típica do Cerrado, o coquinho azedo (de nome científico *Butia capitata*) também é conhecido como cococabecudo ou butiá. É comum na região do noroeste de Minas e pode ser encontrado nos estados da Bahia e Goiás. José Correia Quintal – mais conhecido por “Zezo” –, da Cooperativa Sertão Veredas de Chapada Gaúcha, explica que a palmeira cresce pouco, com folhas que se assemelham ao babaçu. Passarinhos, insetos de todo tipo e até mesmo o gado se alimentam do coquinho. A polpa, cremosa e rica em vitaminas e minerais, é usada para fazer suco, sorvete, picolé e geladinho. “O coquinho é muito gostoso, azedinho mesmo. Por isso, ele é muito aceito. Sempre vende bastante nas feiras e eventos”, conta seu Zezo. Além de tirar a polpa, a folha do coquinho também é utilizada para fazer vassouras e outros utensílios domésticos, principalmente na região de Arinos e Formoso. A semente pode ser utilizada para fazer mudas e o bagaço (a “torta”, como explica seu Zezo) serve para ração animal. “E o coquinho tem uma castanha bem miudinha, que dá para aproveitar para fazer paçoca”. A floração de safra se dá a partir de novembro e o ciclo de produção vai até o fim de abril.

## TRAVESSIA



O Parque Nacional Grande Sertão Veredas é uma unidade de conservação de proteção integral que envolve áreas dos municípios de Chapada Gaúcha, Arinos, e Formoso, em Minas Gerais, e de Cocos, na Bahia. Demarcado em 1989, teve sua área expandida em 2004, totalizando hoje mais de 230 mil hectares. Famoso por suas veredas, o Parque abriga diversos mirantes e pontos de observação, além da cachoeira do Mato Grande e a praia do Rio Preto. O Parque está aberto à visitação, mas ainda carece de infraestrutura e mão-de-obra para receber os turistas. Para conhecê-lo, é preciso agendar a visita no escritório do ICMBio, em Chapada Gaúcha. Apenas veículos traçados podem acessar a unidade, acompanhados por um guia da região.